

# A importância de Jo 2,4 no contexto do seu evangelho

## *Resumo*

*Na interpretação de uma frase é sempre importante considerar o contexto para captar bem o sentido que o autor quis transmitir. O versículo quatro do segundo capítulo do evangelho de S. João é muito difícil para traduzir. Mas a própria perícopa das bodas de Caná ajuda-nos para uma compreensão melhor.*

*Em primeiro lugar vemos a reação positiva de Nossa Senhora: «Fazei tudo o que ele vos disser». Evidentemente ela compreendeu as palavras do Senhor como uma aceitação do seu pedido delicado: «não têm mais vinho».*

*Uma outra pista que esta perícopa nos abre é a observação conclusiva de S. João, onde ele fala da sua experiência: «Manifestou sua glória e seus discípulos creram nele». Este tema da «glória» completa o tema da «hora» que Jesus mesmo utiliza na sua resposta à sua mãe, transmitida no versículo quatro.*

*São estes os temas que este pequeno artigo quer estudar para assim chegar a uma interpretação mais completa de Jo 2,4.*

## *Summary*

*In the interpretation of a phrase it is always important to consider the context in order to capture correctly the sense that the author wanted to transmit. Verse 4 of the second chapter of the Gospel of St. John is very difficult to translate. But the passage of the wedding feast of Canaan helps us come to a better understanding.*

*In the first place we see the positive reaction of Our Lady: “do everything that he tells you”. Evidently she understood the words of the Lord as an acceptance of her subtle petition: “they have no wine.”*

*Another clue that this passage provides is in the concluding observation of St. John, in which he speaks of his experience: "He manifested his glory and his disciples believed in him." This theme of "glory" fulfills the theme of the "hour" that Jesus himself used in his response to his mother, transmitted in verse 4.*

*These are the themes that this short article wishes to study and in this way arrive at a more complete interpretation of Jo 2,4.*

\* \* \*

## **Introdução**

À primeira vista a narração das bodas de Caná parece muito simples. Todavia uma leitura mais atenta e profunda nos ajuda a compreender melhor toda riqueza deste episódio. Trata-se da autorevelação de Jesus como Messias. É ele que está no centro do episódio, Maria aparece como a mulher que ajuda Jesus na sua obra salvífica, percebendo a falta de vinho. Os outros personagens e as circunstâncias da festa não são relevantes: o noivo da festa só aparece em segundo plano e a noiva e os convidados nem são mencionados; no final da narração os discípulos crêem no mestre vendo o seu primeiro milagre. Neste pequeno estudo queremos aprofundar a tradução do versículo 4 desta narração. Uma compreensão mais profunda deste versículo vai ajudar na compreensão mais completa deste primeiro sinal de Jesus.

### **1. A importância do contexto na interpretação da Bíblia**

Na interpretação da Sagrada Escritura devemos sempre prestar atenção no contexto, para compreendermos bem o sentido do texto. Assim nos ensina o Catecismo da Igreja Católica:

Na Sagrada Escritura, Deus fala ao homem à maneira dos homens. Para bem interpretar a Escritura é preciso, portanto, estar atento àquilo que os autores humanos quiseram realmente afirmar e àquilo que Deus quis manifestar a nós pelas palavras deles...

O Concílio Vaticano II indica *três critérios* para uma interpretação da Escritura conforme o Espírito que a inspirou:

1. *Prestar muita atenção “ao conteúdo e à unidade da Escritura inteira”*. Pois, por mais diferentes que sejam os livros que a compõem, a Escritura é uma em razão da unidade do projeto de Deus, do qual Cristo Jesus é o centro e o coração, aberto depois de sua Páscoa.

O coração<sup>1</sup> de Cristo designa a Sagrada Escritura, que, por sua vez, dá a conhecer o coração de Cristo. O coração estava fechado antes da Paixão, pois a Escritura era obscura. Mas a Escritura foi aberta após a Paixão, pois os que a partir daí têm a compreensão dela consideram e discernem de que maneira as profecias devem ser interpretadas<sup>2</sup>.

2. *Ler a Escritura dentro “da Tradição viva da Igreja inteira”*. Consoante um adágio dos Padres, “*Sacra Scriptura principalis est in corde Ecclesiae quam in materialibus instrumentis scripta – a Sagrada Escritura está escrita mais no coração da Igreja do que nos instrumentos materiais*”<sup>3</sup>. Com efeito, a Igreja leva em sua Tradição a memória viva da Palavra de Deus, e é o Espírito Santo que lhe dá a interpretação espiritual da Escritura (“... segundo o sentido espiritual que o Espírito dá à Igreja”)<sup>4</sup>.

3. *Estar atento “à analogia da fé”*<sup>5</sup>. Por “analogia da fé” entendemos a coesão das verdades da fé entre si e no projeto total da Revelação.<sup>6</sup>

O documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, de 15 de Abril de 1993, da Comissão Pontifícia Bíblica, explica mais a importância do contexto para encontrarmos o sentido do texto:

O sentido literal da Escritura é aquele que foi expresso diretamente pelos autores humanos inspirados. Sendo fruto da inspiração, este sentido é também desejado por Deus, autor principal. Ele é discernido graças a uma análise precisa do texto, situado no seu contexto literário e histórico.<sup>7</sup>

Na interpretação de Jo 2,1-11 queremos seguir estas indicações e prestar bem atenção no contexto. São João nos oferece muitas indicações que ajudam a compreender melhor o texto e encontrar o sentido que ele quis dar.

---

<sup>1</sup> Cf. SI 22 (21),15.

<sup>2</sup> Sto. TOMÁS DE AQUINO, *Expositio in Psalmos*, 21,11.

<sup>3</sup> Cf. Sto. HILÁRIO DE POITIER, *Liber ad Constantium imperatorem* 9; CSEL 65, 204 (PL 10,570); S. JERÔNIMO, *Commentarius in Epistulam Galatas* 1, 1, 11-12; PL 26, 347.

<sup>4</sup> ORÍGENES, Hom. in Lv. 5,5.

<sup>5</sup> Cf. Rm 12,6.

<sup>6</sup> N° 109-114; cf. *Dei Verbum*, n° 12 § 3.

<sup>7</sup> N° 93.

## 2. A glória de Jesus

O objetivo da narração das bodas de Caná, quando Jesus fez o milagre de transformar água em vinho, o próprio evangelista São João nos dá a entender na conclusão deste episódio: “Este início dos sinais Jesus o realizou em Caná da Galileia. Manifestou sua glória e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11). Aqui em Caná Jesus manifestou a sua glória («ἐφανέρωσεν τὴν δόξαν αὐτοῦ»), do mesmo modo como se manifestou a si mesmo («ἐφανέρωσεν ἑαυτὸν») aos discípulos depois da ressurreição junto do mar de Tiberíades (cf. Jo 21,1), e como durante toda a sua vida ele manifestou o Nome do Pai («ἐφανέρωσά σου τὸ ὄνομα») aos homens. Jesus quer conduzir as pessoas à fé nele. Ele é o Filho de Deus, somente por Ele podemos ter a vida eterna. Assim se fecha o círculo do evangelho de São João: “Jesus fez diante dos discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,30). São João chama os milagres de Jesus de «sinais», porque eles são revelação da sua glória e da glória de Deus, eles manifestam que Jesus é o Filho de Deus.

No AT a glória de Deus era a manifestação visível da sua presença e proteção, do seu poder, da sua santidade, majestade e dignidade que se revelam na sua ação salvífica<sup>8</sup>. Ela aparece como nuvem ou coluna de fogo (Ex 14,4,17; 16,7,10; 24,16ss; 29,43-46; Lv 9,6,23; Nm 14,22; 16,19; 17,7; 20,6; 1Rs 8,11; Is 6,3s), ou ainda como uma luz brilhante. Essa luz, porém, se torna visível aos homens somente através de uma nuvem. Somente nesta maneira atenuada os homens podem contemplar a glória de Deus (Is 24,23; 60,1; Ez 1,28; 3,12; 3,23; 8,4; 9,3; 10,4; 10,18s; 11,22s; 43,2-5; 44,4)<sup>9</sup>.

No evangelho de São João vemos que Jesus revelou a sua glória de tal forma que os seus discípulos podiam vê-la (cf. Jo 1,14). A revelação da sua glória culmina no mistério da sua exaltação, i.é, da sua paixão, morte e ressurreição (cf. Jo 7,39; 12,16; 12,23; 13,31; 17,1; 17,5), mas não se limita a esse momento de sua vida: já Jo 1,14 faz entender que a revelação

---

<sup>8</sup> Cf. H. HEGERMANN, «δόξα», in *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament I*, 834. P. van IMSCHOOT, «Herrlichkeit», in H. HAAG, *Bibel-Lexikon*, 724. J.L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, 388.

<sup>9</sup> Cf. P. van IMSCHOOT, «Herrlichkeit», in H. HAAG, *Bibel-Lexikon*, 724. J.L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, 388.

se refere a um tempo prolongado da vida de Jesus, como podemos ler também em Jo 8,54; 11,4; 11,40<sup>10</sup>. Estes episódios evidenciam claramente que a manifestação da glória de Jesus se refere a sua vida inteira. Também a palavra “‘Pai, glorifica o teu nome’”. Então, veio uma voz do céu: ‘Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei’” (Jo 12,28). Ou seja: a glorificação do filho culmina na hora da sua exaltação, mas se refere a sua vida inteira, e continuará mesmo depois da ressurreição: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho” (Jo 14,13), porque o Pai será glorificado quando os discípulos derem muitos frutos (Jo 15,8). A glória do Pai é também a glória do Filho, e a glória do Filho é também a glória do Pai, porque eles têm tudo em comum (cf. Jo 17,10.22.24). E o Espírito Santo continuará essa obra da glorificação do Filho (Jo 16,14). Portanto, a plena consumação da obra que o Pai deu a Jesus é a glória de Jesus (cf. Jo 17,4), e o sinal de Caná foi o início da revelação da sua glória.

### 3. A hora de Jesus

Ligado ao tema da glória está o tema da «hora», que é igualmente um tema típico no evangelho de São João, não sendo, também, uma ideia totalmente nova<sup>11</sup>. A palavra «hora» aparece no AT na LXX no sentido de momento ou período de tempo (p.ex. Gn 29,7; Rt 2,14; 2Rs 4,16-17 etc.). Pode também significar o momento da consumação dos tempos e da derrota definitiva dos inimigos de Deus (cf. Dn 8,17.19; 11,35.40.45)<sup>12</sup>.

Encontramos o substantivo «hora» («ὥρα») 106 vezes no NT<sup>13</sup>. Como na LXX, ele significa um momento ou um período de tempo (cf. Mt 8,13; Mc 6,35) e às vezes também se refere ao fim dos tempos (cf. Mt 24,36; Mc 13,32). Mas a «hora» se torna também presente pela vinda de Jesus e pela sua Paixão. No momento de ser preso, Jesus explica aos seus discípulos: “Chegou a hora; o Filho do Homem está sendo entregue nas

---

<sup>10</sup> Jo 8,54: “Jesus respondeu: ‘Se eu me glorificasse a mim mesmo, minha glória não valeria nada. Meu Pai é quem me glorifica, aquele que dizeis ser vosso Deus.’” 11,4: “Ouvindo isso, disse Jesus: ‘Esta doença não leva à morte, mas é para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela’”. 11,40: “Jesus respondeu: ‘Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?’”.

<sup>11</sup> Cf. I. de la POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 13.

<sup>12</sup> Cf. B. SILVA SANTOS, *Teologia do Evangelho de São João*, 112.

<sup>13</sup> Cf. H. GIESEN, «ὥρα», in *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament III*, 1211.

mãos dos pecadores” (Mc 14,41). O significado de «hora» é determinado pelo contexto.

No evangelho de São João, ainda que não falte o significado de momento ou período de tempo (cf. p. ex. Jo 1,39; 4,6; 4,53), o evangelista fala da «hora de Jesus» de uma maneira bem específica: ela depende somente da vontade do Pai.

A relação da «sua hora» com a hora da sua paixão e morte é bem explícita. Porque a hora da morte de Jesus ainda não chegara, os adversários não puderam prendê-lo: “Eles procuravam, então, prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos, porque ainda não tinha chegado a sua hora” (7,30); “Ele falou essas coisas enquanto ensinava no templo, junto à sala do tesouro. Ninguém o prendeu, porque sua hora ainda não tinha chegado” (8,20; cf. 7,6).

A hora da morte, porém, é ao mesmo tempo a hora da sua glorificação: “Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado” (12,23). “Assim Jesus falou, e elevando os olhos ao céu, disse: ‘Pai, chegou a hora. Glorifica teu filho, para que teu filho te glorifique’” (17,1). Nessa hora ele passa deste mundo para o Pai: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora, hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (13,1).

A sua hora significa juízo para o mundo e ao mesmo tempo possibilidade de salvação para a humanidade: “É agora o julgamento deste mundo. Agora o chefe deste mundo vai ser expulso, e quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim” (12,31-32). Quando o discípulo amado acolhe a mãe de Jesus “a partir daquela hora” (19,27b), «hora» é indicação daquele momento; no entanto é impossível ignorar que aquele momento concreto é propriamente a «sua hora»: a exaltação de Jesus na cruz<sup>14</sup>.

Neste contexto se torna muito interessante que já nas bodas de Caná Jesus faz referência à «sua hora». Será que Jesus quer sinalizar que a sua hora começa já agora e não se limita somente aos últimos três dias da sua vida? É isso que queremos descobrir. Por isso, estudaremos agora Jo 2,4 para compreendermos bem o que Jesus entendeu com «a sua hora».

---

<sup>14</sup> Cf. H. GIESEN, «ὥρα», in *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament III*, 1213.

#### 4. A tradução de Jo 2,4

A tradução de Jo 2,4a é muito variada. Quase cada Bíblia apresenta outras palavras e outro sentido. Por exemplo:

Bíblia da CNBB: “Mulher, para que me dizes isso?”.

Difusora Bíblica: “Que temos nós com isso, mulher?”.

Edições Loyola: “Mulher, que relação há entre mim e ti?”.

Ave Maria: “Mulher, isso compete a nós?”.

Português corrigida fiel: “Mulher, que tenho eu contigo?”.

Bíblia de Jerusalém (também a Bíblia do Peregrino): “Que queres de mim, mulher?”.

A Bíblia de Jerusalém explica no rodapé:

Lit: «Que há entre mim e ti?», semitismo bem freqüente no AT (Jz 11,12; 2Sm 16,10; 19,23; 1Rs 17,18; etc;) e no NT (Mt 8,29; Mc 1,24; 5,7; Lc 4,34; 8,28). É empregado para rejeitar uma intervenção que se julga inoportuna ou, então, para demonstrar a alguém que não se deseja relacionamento algum com ele. Somente o contexto poderá indicar a nuança exata. Aqui, Jesus objeta a sua mãe que «sua hora ainda não chegou».<sup>15</sup>

Como se deve, então, traduzir esta pergunta de Jesus? O que à primeira vista parece difícil, se torna mais fácil e compreensível a partir da própria narração de São João. Seguindo as indicações do Concílio Vaticano II<sup>16</sup>, o contexto imediato nos dá uma pista de como entender bem esta frase, difícil para a compreensão hodierna. Perguntemo-nos, portanto: como é que nossa Senhora entendeu as palavras de Jesus? Ela evidentemente as compreendeu em sentido positivo, como um consentimento, como uma confirmação, porque sem essa compreensão não se explicaria a reação dela dizendo aos servos: “Fazei tudo o que ele vos disser!” (Jo 2,5). Se ela tivesse percebido qualquer rejeição ou negação nas palavras de Jesus, ela não procederia assim. É absurdo pensar que Maria, que se autodesigna a «serva do Senhor» (Lc 1,38), tivesse agido contra a vontade de Jesus. Maria é a Imaculada, ela nunca cometeu pecado algum. Se ela tivesse entendido que as palavras de Jesus exprimiam um «não» ou uma

---

<sup>15</sup> Nota de rodapé n), 1988-1989.

<sup>16</sup> “... ao investigarmos o sentido bem exato dos textos sagrados, não devemos atender menos ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura, tendo em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé” (*Dei Verbum* 12).

rejeição, ela nunca teria continuado e dito aos servos: “faça tudo o que ele vos disser”.

Vamos primeiro estudar as aparências bíblicas da expressão «τί ἐμοὶ καὶ σοί». Queremos compreendê-la como Maria a compreendeu. Depois queremos brevemente estudar por que Jesus, neste contexto, chama Maria de «Mulher» e não de «Mãe».

E, enfim estudaremos a segunda parte do versículo, que não apresenta dificuldades na tradução das palavras: «οὐπω ἦκει ἡ ὥρα μου» “a minha hora ainda não chegou”. Porém se apresenta a questão se se trata de uma pergunta “A minha hora ainda não chegou?” ou de uma simples afirmação “A minha hora ainda não chegou”.

### **a) O sentido de «o que para mim e para ti» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί».**

Para compreender bem o sentido, devemos lembrar-nos que «τί ἐμοὶ καὶ σοί» é uma expressão bem conhecida no mundo semítico e grego-romano<sup>17</sup>. A tradução literal é: “o que a mim e a ti, mulher?”. Esta pergunta pode exprimir acordo ou desacordo entre duas ou mais pessoas. Somente o contexto permite perceber as matizes, caso por caso. Vejamos o uso na Sagrada Escritura:

- Jz 11,12: «יְהוָה לִי וְלָךְ» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί».

“E enviou Jefté mensageiros ao rei dos filhos de Amom, dizendo: ‘Que há entre mim e ti, que vieste a mim a pelejar contra a minha terra?’”.

Sentido: Jefté tenta negociar com o rei de Amom. Neste momento, portanto, ainda está em comunhão com ele, não existe nada que os separe.

- 2Sm 16,9-10; cf. 2Sm 19,23: «יְהוָה לִי וְלָכֶם» – «τί ἐμοὶ καὶ ὑμῖν»

“Então Abissai, filho de Sarvia, perguntou ao rei: ‘Por que ultraja este cão morto o rei, meu senhor? Permite-me que vá cortar-lhe com um golpe a cabeça’. Mas o rei disse: ‘Que tendes a ver comigo, filhos de Sarvia?’”.

---

<sup>17</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 333. I. DE LA POTTERIE, “Il mistero delle nozze”, em I. DE LA POTTERIE, *Maria nel mistero dell'alleanza*, 202, com mais referências bibliográficas na nota de rodapé 74: J. MICHL, *Bemerkungen zu Joh 2,4*, «Biblica» 36 (1955), 492-509; C.P. CEROKE, *The Problem of Ambiguity in John 2,4*, «Catholica Biblical Quaterly» 21 (1959), 316-340; A. BRESOLIN, *L'esegesi di Giov. 2,4 nei Padri Latini*, «Revue des Etudes Augustiennes», 8 (1962), 243-273; J. REUSS, *Joh 2,3f in Johanneskommentaren der griechischen Kirche*, in *Festschr. J. Schmid*, Regensburg 1963, 207-213.



Que insulte, foi DEUS que lhe sugeriu insultar Davi; e quem pode dizer ao Senhor: Por que fazeis isso?”.

Sentido: Davi dissuade Abissai de intervir contra Semei.

- 1Rs 17,18: «נְהַלְכֵי יְהוָה» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί».

“Então ela disse a Elias: ‘Que há entre mim e ti, homem de Deus? Vieste, porventura, a minha casa para reavivar a recordação da minha culpa e matares o meu filho?’”.

Sentido: A viúva de Sarepta não gosta da visita do profeta. Ela crê que a morte de seu filho seria um castigo para pecados da vida passada. Por isso, ela quer que o profeta a deixe em paz.

- 2Rs 3,13, cf. Os 14,9: «נְהַלְכֵי יְהוָה» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί».

“Mas Eliseu disse ao rei de Israel: ‘Que tenho eu a ver contigo? Vai aos profetas de teu pai e aos profetas de tua mãe’. Porém o rei de Israel lhe disse: ‘Não, porque o Senhor chamou a estes três reis para os entregar nas mãos dos moabitas’”.

Sentido: O profeta se nega a ouvir o rei e quer que ele vá aos profetas de seu próprio pai como ele costuma fazer. Por isso: “Que tenho eu contigo?”. Resposta: “Nada”. Não há nada em comum entre o profeta Eliseu e Jorão, rei de Israel. O contexto é decisivo para compreender o sentido: v. 14: “E disse Eliseu: ‘Vive o Senhor dos Exércitos, em cuja presença estou, que se eu não respeitasse a presença de Jeosafá, rei de Judá, não olharia para ti nem te veria’”.

- 2Cr 25,31: «נְהַלְכֵי יְהוָה» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί».

“Então ele lhe mandou mensageiros, dizendo: ‘Que tenho eu contigo, rei de Judá? Não é contra ti que venho hoje, mas contra a casa que me faz guerra; e disse Deus que me apressasse; guarda-te de te opores a Deus, que é comigo, para que ele não te destrua’”.

Sentido: Neco, o rei do Egito, não quer lutar contra Josias, por isso ele lhe pede de não entrar na guerra contra ele. Não há desunião entre os dois.

- Mc 5,7; Lc 8,28: «τί ἐμοὶ καὶ σοί».

“Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes”.

Sentido: O demônio reconhece que deve obedecer a JESUS.

• Mc 1,24; Lc 4,34; Mt 8,29: «τί ἡμῖν καὶ σοί».

“Ah! Que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus”.

Sentido: Não há nada em comum entre Jesus e os demônios. Mas eles têm que reconhecer Jesus como autoridade e devem obedecer às ordens dele.

Esses exemplos mostram que esta expressão pode exprimir união ou desunião, mas também falta de compreensão ou mal-entendido<sup>18</sup>. Para traduzir bem e expressar o sentido adequadamente é sempre indispensável considerar o contexto.

Esta expressão («מִזֶּה-לִּי וְלָךְ» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί») está ainda em uso entre os caldeus e exprime comunhão íntima, consentimento, acordo. De acordo com isso, poderia se traduzir essa pergunta de maneira positiva: “Mulher, evidentemente não existe problema entre nós”; ou mais simples: “Sim, compreendo, estou de acordo. Somos da mesma opinião”<sup>19</sup>. Assim se explicaria a reação de Maria dizendo aos servos: “Fazei tudo o que ele vos disser”.

Interessante a observação de I. de la Potterie de que Maria e Jesus entendem diferente o termo «vinho». Quando Maria diz a Jesus: “Eles não têm vinho”, evidentemente está se referindo à falta material do vinho. Ela pensa no vinho da festa de casamento e quer simplesmente avisar Jesus que falta vinho, na esperança que ele faça alguma coisa, para que a festa possa continuar tranquilamente. Mas desde o início Jesus está pensando em outro vinho, aquele que ele quer dar. Ele eleva a conversa a outro nível, sem que Maria, evidentemente, perceba do que se trata. A passagem para o nível simbólico se realiza na pergunta de Jesus, quando ele eleva o diálogo a um nível mais alto, gerando a dificuldade na comunicação e conseqüentemente, na compreensão. Embora o diálogo comece falando da mesma coisa – a falta de vinho –, Maria e Jesus entendem o termo «vinho» de forma diferente. Esta dificuldade em compreender pode ser vista

---

<sup>18</sup> Cf. I. DE LA POTTERIE, “Il mistero delle nozze”, em I. DE LA POTTERIE, *Maria nel mistero dell'alleanza*, 202.

<sup>19</sup> Cf. S. GRILL, *Das Neue Testament nach dem syrischen Text*, 31s. Schnackenburg concorda que esta expressão não exprime necessariamente rejeição ou negação. Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 333; assim também I. DE LA POTTERIE, “Il mistero delle nozze”, em I. DE LA POTTERIE, *Maria nel mistero dell'alleanza*, 202.

também nesta pergunta de Jesus «τί ἔμοι καὶ σοί, γύναι». O pronome interrogativo do início «τί» (o que?) podemos atribuí-lo concretamente ao vinho e traduzir da seguinte forma: “o que é, pois, o vinho para mim e para ti”? Ou, em outras palavras: “O que significa a palavra ‘vinho’ para mim e para ti”?, com o sentido evidente: “Para mim e para ti a palavra ‘vinho’ tem sentido diferente”. Jesus pensa nos bens messiânicos que ele vem trazer e que são simbolizados pela festa das bodas e pelo novo vinho que ele vai dar.

#### **b) «Mulher» – «γυνή».**

Outro ponto que chama a atenção é que neste contexto Jesus chama a sua mãe «mulher»: «τί ἔμοι καὶ σοί, γύναι». Mas devemos dizer que não por falta de respeito; tampouco exprime distanciamento ou separação<sup>20</sup>. Também na Cruz Jesus se dirige à sua Mãe com este título (19,26). Neste momento sublime Jesus – com absoluta certeza – não quis faltar com o respeito ou distanciar-se de sua Mãe. Mas designando Maria «Mulher» Jesus evidencia que o papel de Maria nestes acontecimentos ultrapassa os laços de parentesco entre mãe e filho. Não que Jesus tenha deixado de ser o filho de Maria, mas nestes momentos Jesus a vê não apenas como sua mãe, mas como a mãe do Messias, que participa na sua missão salvífica. Como serva do Senhor, ela está “na linha dos servos do Senhor, dos quais Deus se serviu para a salvação do seu povo”<sup>21</sup>. Por seu cuidado maternal Maria colabora a que o plano salvífico de Deus e a obra da redenção se possam realizar e concluir<sup>22</sup>.

Mesmo que pareça que Maria se ocupa em primeiro lugar com aos noivos ao providenciar mais vinho para a festa, na verdade Maria contribui para a autorevelação de Jesus, onde ele revela a sua glória. Maria serve diretamente a Jesus e indiretamente ao povo de Deus. Por isso, Jesus a chama “mulher” para significar esta nova dimensão do seu serviço<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 333.

<sup>21</sup> P. SEEANNER, “Eis aqui a serva do Senhor (Lc, 1,38)”, em *Sapientia Crucis* 17 2016, 11.

<sup>22</sup> Cf. *Ibid.*, 26; cf. A VANHOYE, *Se conoscessi il dono di Dio*, 128-130.

<sup>23</sup> Cf. P. SEEANNER, “Eis aqui a serva do Senhor (Lc, 1,38)”, em *Sapientia Crucis* 17 2016, 26.

**c) «A minha hora ainda não chegou» – «οὐπω ἤκει ἡ ὥρα μου»: pergunta ou afirmação?**

A segunda parte do nosso versículo não oferece dificuldades na tradução das palavras; por outro lado, se apresenta a questão, a saber, se se trata de uma afirmação (“a minha hora ainda não chegou”) ou de uma pergunta (“será que a minha hora ainda não chegou?”). É muito importante resolver esta questão, porque dela depende uma grande parte da interpretação do sinal de Caná<sup>24</sup>.

O problema é gramatical. A questão se refere à preposição «οὐπω». M.E. Boismard evidenciou que quando uma frase que começa com «οὐπω» – «ainda não» é precedida por outra interrogação, esta também é interrogativa no NT<sup>25</sup>. Vejamos as referências no NT:

- Mt 16,8-9: “Jesus lhes disse: ‘Homens de pouca fé! Por que discutis entre vós o fato de não terdes pão? Ainda não entendeis?’ ...” («ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· τί διαλογίζεσθε ἐν ἑαυτοῖς, ὀλιγόπιστοι, ὅτι ἄρτους οὐκ ἔχετε; οὐπω νοεῖτε, οὐδὲ μνημονεύετε τοὺς πέντε ἄρτους τῶν πεντακισχιλίων καὶ πόσους κοφίνους ἐλάβετε;»).
- Mc 4,40: “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” («τί δειλοί ἐστε; οὐπω ἔχετε πίστιν;»).
- Mc 8,17: “Por que discutis sobre o fato de não terdes pães? Ainda não entendeis, nem compreendeis?” («τί διαλογίζεσθε ὅτι ἄρτους οὐκ ἔχετε; οὐπω νοεῖτε οὐδὲ συνίετε;»).

Em nosso caso, “a minha hora ainda não chegou” («οὐπω ἤκει ἡ ὥρα μου») vem depois de uma pergunta, exatamente como nos exemplos citados de Mateus e Marcos. É verdade que é o único caso em São João em que «ainda não» («οὐπω») teria o sentido interrogativo e não afirmativo. Mas se deve reconhecer que a construção de Jo 2,4 é diferente da de todos os outros casos. É a única vez em que «ainda não» («οὐπω») vem depois de uma pergunta, pois em todos os outros casos nunca é usado sem outra partícula, como: «οὐπω γάρ» (pois ainda não; 3,24; 7,39; 20,17),

---

<sup>24</sup> A questão é conhecida entre os autores. Na patrística S. Gregório de Nissa, Teodoro de Mopsuestia, S. Efrém e Taciano defendem o sentido como pergunta. Atualmente, temos os autores J. Knabenbauer, A. Durand, H. Seemann, A. Kurfess, J. Michl, M.E. Boismard, B. Schwank, A. Vanhoye em favor do sentido como pergunta Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 333, Nota de rodapé 4 e 5; A VANHOYE, *Se conoscessi il dono di Dio*, 120, Nota de rodapé 5.

<sup>25</sup> M.E. BOISMARD, *Du Batême à Cana*, 156. No AT grego, «οὐπω» nunca se encontra depois de uma preposição interrogativa.

«οὐπω δέ» (porém ainda não; 11,30), «καὶ οὐπω» (e ainda não; 6,17), ou está dentro de uma frase (7,6.8.30.39; 8,20.57). Em Jo 2,4 temos um «οὐπω» inicial, por isso, a construção de Jo 2,4 corresponde exatamente aos textos apresentados de Mt e Mc. Nestes textos, aliás, todos os autores concordam que se trata de duas perguntas. Portanto, também Jo 2,4 deve ser traduzido como pergunta<sup>26</sup>.

Se São João tivesse querido exprimir uma simples afirmação, teria sido muito simples, só precisava mudar a posição das palavras: «ἡ ὥρα μου οὐπω ἦκει», construção essa que ele utilizou em 7,6: «ὁ καιρὸς ὁ ἐμὸς οὐπω πάρεστιν». Portanto devemos concluir que São João conheceu a diferença do uso da preposição «οὐπω» e a colocou conscientemente no início da frase, porque ele se lembrou que Jesus fez uma pergunta e não uma afirmação. Por isso, do ponto de vista gramatical, a interpretação interrogativa desta frase merece a preferência<sup>27</sup>.

Podemos então traduzir Jo 2,4 da maneira seguinte: “O que significa ‘vinho’ para mim e para ti, mulher? A minha hora ainda não chegou?”<sup>28</sup>.

A resposta a esta pergunta, evidentemente, é: “Sim, a minha hora chegou propriamente agora!”. Já que o próprio Jesus faz a referência à sua hora neste contexto das bodas, ele mesmo coloca a «sua hora» numa outra dimensão e indica que ela começa propriamente agora. Portanto, como a glorificação de Jesus se estende à sua vida inteira, também a hora de Jesus não se limita somente à hora da sua morte. A sua hora é o tempo inteiro da sua atividade salvífica, porque este tempo é a sua glorificação aqui na terra. Como a glorificação de Jesus culmina na sua exaltação na cruz, também a sua hora encontra seu ápice na sua morte e ressurreição. Mas Jesus não limita esse mistério para os três últimos dias da sua vida, mas o estende para toda a sua atividade salvífica, que ele começa propriamente agora nas bodas de Caná com o seu primeiro sinal. Pela transformação de água em vinho Jesus faz o início dos seus sinais e revela, desde já, a sua glória (2,11b; cf. 1,14), de modo que os discípulos acreditam nele (2,11c). Nesta «sua hora» começa a sua glorificação.

---

<sup>26</sup> Cf. A VANHOYE, *Se conoscessi il dono di Dio*, 120-121.

<sup>27</sup> Cf. *ibid.*, 121.

<sup>28</sup> Cf. B. SCHWANK, *Evangelium nach Johannes*, 81.

## 5. A transformação de água em vinho e a hora de Jesus

A tradução da segunda parte de 2,4 como pergunta coloca o episódio das bodas de Caná mais profundamente no contexto da hora e da glória de Jesus. A pergunta “A minha hora ainda não chegou?” espera a resposta: “Sim, ela chegou agora, ela começa propriamente agora!”. Trata-se da hora de Jesus na qual ele começa a revelar a sua glória. O ápice da revelação da sua glória será a sua exaltação na cruz, mas ela começa agora com este milagre nas bodas de Caná. Vejamos então, o que a transformação da água em vinho tem a ver com a hora de Jesus e a sua exaltação na Cruz.

A importância do vinho no relato das bodas de Caná é evidente, porque o termo «vinho» aparece cinco vezes:

- v. 3: “Ora, vindo a faltar o vinho, a Mãe de Jesus disse-Lhe: ‘Não têm vinho’”;
- v. 9: “Logo que o mestre de mesa provou a água convertida em vinho ..., chama o esposo”;
- v. 10: “e diz-lhe: ‘Todos servem primeiro o vinho melhor e quando os convidados já estão embriagados servem então o inferior. Tu, pelo contrário, guardaste o vinho bom até agora’”.

Mais ainda chama atenção a quantidade extraordinariamente abundante do novo vinho: seis talhas de pedra, contendo cada uma duas ou três medidas (v. 6), isto é, de 80 a 120 litros (1 medida = 39,39 l)<sup>29</sup>. Estas são enchidas até à borda (v. 7). Também a qualidade do vinho novo é superior a daquele que faltou (v. 10). Tudo isso nos faz compreender que esse vinho novo deve ter um significado especial. Jesus não quis “somente” dar vinho para a festa, mas se trata realmente de um sinal, através do qual o Filho de Deus quer revelar mais.

Além disso, o sinal de Caná recebe uma conotação pascal pela menção do «terceiro dia» (v. 1), que completa a indicação da «Hora de Jesus» (v. 4) e da revelação da sua «glória» (v. 11): todas essas noções se orientam para os últimos acontecimentos da vida do Salvador, a Sua Paixão glorificadora<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 336.

<sup>30</sup> Este nexos é indicado de maneira explícita por Jo 2,19-22: “‘Desfazei este templo (= Morte) e eu em três dias o farei ressurgir’ (= Ressurreição) ... Ele, porém, falava a respeito do templo do seu Corpo”. Portanto, também para João, como para os Sinóticos e Paulo, o «terceiro dia» é o da Ressurreição de Cristo. O NT conhece as seguintes fórmulas referentes ao dia da Ressurreição de CRISTO: «o terceiro dia» (Mt 16,21; Mc 9,31 nas

Como temos visto, a hora de Jesus é a hora da sua Paixão, Morte e Ressurreição, mas também a hora da sua glorificação: “É chegada a hora em que o Filho do homem há de ser glorificado” (Jo 12,23; cf 13,1; 17,1: “Pai, é chegada a hora; glorifica teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti”). Essa glorificação de Jesus começou nessa hora em Caná: “Jesus iniciou assim os seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória (δόξα); e os seus discípulos creram nele”.

Assim podemos concluir que existe uma profunda relação entre Caná e a Cruz. O sinal que Jesus realiza em Caná inicia e anuncia a hora da plena glorificação de Jesus na Cruz. A abundância do vinho evidencia a abundância dos dons que a exaltação de Jesus na Cruz nos traz; a qualidade extraordinária do vinho, que supera a qualidade de todos os outros vinhos, revela a qualidade dos dons messiânicos que emanam da morte de Jesus na Cruz e que superam todos os outros bens deste mundo. Do seu lado aberto saíram sangue e água (cf. Jo 19,34), símbolos dos sacramentos<sup>31</sup>. Como a água representa o sacramento do batismo, o sangue anuncia a Santíssima Eucaristia. Como o sinal de Caná anuncia a plena glorificação de Jesus na Cruz, podemos dizer que o vinho de Caná é anúncio do sacramento da Santíssima Eucaristia, do vinho eucarístico<sup>32</sup>, porque este sacramento é a suma glorificação de Jesus e a prova mais profunda e real do amor de Jesus para conosco: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha

---

variantes; Lc 9,22; 24,7.21.46; Jo 2,1; At 10,40; 1Cor 15,4-5); «em três dias» (Mt 26,61; Mc 14,58; Jo 2,20); «depois de três dias» (Mt 16,21 nas variantes; 27,63; Mc 8,31; Lc 9,22 nas variantes); «o dia do Senhor» (Ap 1,10). Cf. A.M. SERRA, *Maria em Caná, e junto à cruz*, Lisboa 1984.

<sup>31</sup> *Sacrossanctum Concilium*, 5: “... Pois, do lado de Cristo agonizante sobre a cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”. *Lumen Gentium*, 3: “... A Igreja, isto é, o reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Princípio e incremento significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34) e anunciados pelas palavras do Senhor ao falar da sua própria morte na cruz: ‘E eu quando for levantado da terra atrairei todos a mim’ (Jo 12,32). Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz, no qual Cristo, nossa páscoa, foi imolado (1Cor 5,7), atua-se a obra da nossa redenção. E juntamente com o sacramento do pão eucarístico é representada e realizada a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo, do qual procedemos, pelo qual vivemos e para o qual tendemos”. Cf. também Pio XII, *Haurietis aquas* AAS 48, (1956), 309-353. I. DE LA POTTERIE, “Simbolismo del Sangue e dell’Acqua del costato trafitto”, em I. DE LA POTTERIE, *Studi di CRISTologia giovannea*, 167-190.

<sup>32</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, I, 335.

chegado a sua hora, hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1).

Através do vinho eucarístico se realiza em plenitude a palavra de São Paulo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Este novo e extraordinário vinho nos torna capazes de pôr em prática a sua palavra e a vontade de Deus, como foi anunciado pelo profeta Ezequiel: “E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne” (Ez 36,26). Assim Jesus é verdadeiramente glorificado (cf. Jo 17,2.10.22). Revelar este mistério numa festa de casamento é também muito conveniente, porque na comunhão eucarística temos verdadeira comunhão com Jesus, comunhão real e íntima, antecipação terrena da nossa comunhão com Deus no céu, que também é apresentada como festa de núpcias: “Vem! Vou mostrar-te a noiva, a esposa do Cordeiro” (Ap 21,10).

Paulus Seeanner ORC



## Bibliografia:

- BOISMARD, M.E., *Du Batême à Cana*, Paris 1956.
- COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Lisboa, 1994.
- DE LA POTTERIE, I., “Il mistero delle nozze”, em I. DE LA POTTERIE, *Maria nel mistero dell’alleanza*, Casa Editrice Marietti 1992<sup>2</sup>, Genova.
- , *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, Terza edizione, Milano, 1996.
- , “Simbolismo del Sangue e dell’Acqua del costato trafitto”, em I. DE LA POTTERIE, *Studi di CRISTOLOGIA giovannea*, Casa Editrice Marietti 1992<sup>3</sup>, Genova.
- GIESEN, H., *EWNT III*, 2. Auflage, Stuttgart - Berlin - Köln 1992.
- GRILL, S., *Das Neue Testament nach dem syrischen Text*, Klosterneuburg - München, 1955.
- HAAG, H. (editor), *Bibel-Lexikon*, Zürich, Ensiedeln, Köln 1982.
- Katechismus der Katholischen Kirche, Libreria Editrice Vaticana 1993.
- McKENZIE, J.L., *Dicionário Bíblico*, São Paulo, 1983.
- PAPA PAULO VI, *Constituição Dogmática «Dei Verbum»* sobre a revelação divina, 18 de novembro de 1965.
- SCHNACKENBURG, R., *Das Johannesevangelium, I. Teil*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien, <sup>7</sup>1992.
- SCHWANK, B., *Evangelium nach Johannes*, St. Ottilien <sup>3</sup>2007.
- SERRA, A.M., *Maria em Caná, e junto à Cruz, Ensaio de Mariologia Joanina*, Lisboa 1984.
- SILVA SANTOS, B., *Teologia do Evangelho de São João*, Aparecida SP, 1994.
- VANHOYE, A., *Se conoscesti il dono di Dio*, Casale Monferrato, 1999.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>1. A importância do contexto na interpretação da Bíblia.....</b>	<b>6</b>
<b>2. A glória de Jesus.....</b>	<b>8</b>
<b>3. A hora de Jesus.....</b>	<b>9</b>
<b>4. A tradução de Jo 2,4.....</b>	<b>11</b>
a) O sentido de «o que para mim e para ti» – «τί ἐμοὶ καὶ σοί»... 12	
b) «Mulher» – «γυνή»..... 15	
c) «A minha hora ainda não chegou» – «οὔπω ἦκει ἡ ὥρα μου»: pergunta ou afirmação?..... 16	
<b>5. A transformação de água em vinho e a hora de Jesus .....</b>	<b>18</b>
<b>Bibliografia: .....</b>	<b>21</b>